

“Aprender a ser, a fazer, a viver juntos e a conhecer constituem aprendizagens indispensáveis que devem ser perseguidas de forma permanente pela política educacional de todos os países.”

Jacques Delors, educador.

EDUCAÇÃO COM AFETIVIDADE



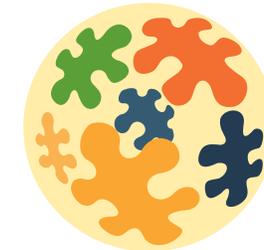
Agradecemos a todas as empresas parceiras que têm nos ajudado na edição de nossos livros, tanto por investimento direto ou através da Lei Rouanet.

jovem voluntário, escola solidária

DPASCHOAL

GOODYEAR

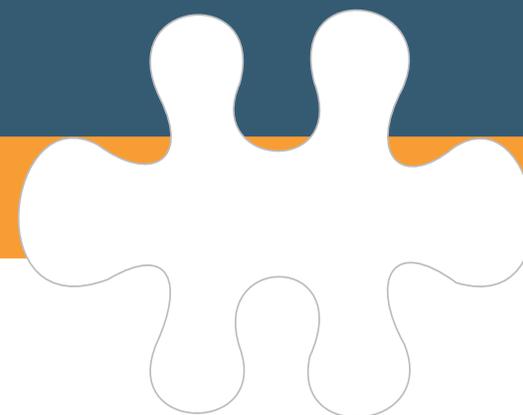




EDUCAÇÃO COM AFETIVIDADE

coleção jovem voluntário, escola solidária

Ivan Roberto Capelatto



EXPEDIENTE

AUTOR

Ivan Roberto Capelatto

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Maria Eugenia da Costa Sosa
Sílnia Nunes Martins

PROJETO GRÁFICO

Linea Creativa

REVISÃO DE TEXTO

Fátima Mendonça Couto

COLABORADORES

Ana Maria Marchi
Maria Gisela Gerotto

IMPRESSÃO

Gráfica Editora Modelo Ltda.

REALIZAÇÃO

Editora Fundação EDUCAR DPaschoal
www.educardpaschoal.org.br

JOVEM VOLUNTÁRIO, ESCOLA SOLIDÁRIA

Caros educadores e educadoras,

O trabalho voluntário tem sido para nós, do Faça Parte – Instituto Brasil Voluntário, o principal meio de exercer a solidariedade e a cidadania e de colaborar na construção de um Brasil mais justo e humano. Essa foi a razão que nos levou a enviar-lhes este livro, a fim de ajudar a formar educandos mais preparados para a vida no sentido mais amplo.

Agradecemos a todos aqueles que já fazem a sua parte, seja em escolas, bairros, empresas ou clubes. Todos são grandes “cuidadores”, que proporcionam uma vivência afetiva e ajudam a fortalecer os nossos jovens, o nosso futuro.

Queremos também manifestar nossa gratidão ao dr. Ivan Roberto Capelatto, que colocou muito de sua experiência neste livro. Incentivar a afetividade em qualquer relação educativa e a união entre família e escola são objetivos primordiais para que possamos ter uma escola solidária e um jovem pró-ativo e consciente de seus direitos e deveres.

Milú Villela
Presidente do Faça Parte

“O voluntariado é a expressão de um povo que acredita na preservação da dignidade de todo e qualquer cidadão. É a expressão máxima da democratização de uma nação.”

Adair Aparecida Sberga

SOBRE O AUTOR

Ivan Roberto Capelatto é psicólogo clínico e psicoterapeuta de crianças, adolescentes e famílias. Fundador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Autismo e Outras Psicoses Infantis (GEPAPI), e supervisor do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicopatologias da família na infância e adolescência (GEIC) de Cuiabá e Londrina. Professor convidado do The Milton H. Erickson Foundation Inc. (Phoenix, Arizona, USA) e professor do curso de pós-graduação da Faculdade de Medicina da PUC – PR. Autor da obra “Diálogos sobre a Afetividade – o nosso lugar de Cuidar”.

APRESENTAÇÃO

Ao falar de voluntariado, não podemos deixar de discutir conceitos como solidariedade e cidadania, que são atos de *cuidar* de si, do outro e do ambiente. É esse *cuidar* que o psicólogo e psicoterapeuta Ivan Roberto Capelatto considera essencial para que possamos ajudar a construir Seres Humanos. Professores e pais são imprescindíveis nesse processo.

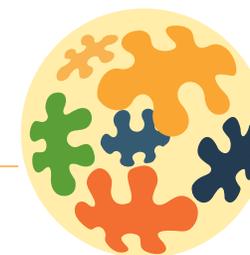
Neste trabalho, o dr. Ivan Capelatto busca ressaltar a importância da afetividade nas relações entre os indivíduos. Uma vivência afetiva entre professores, alunos e pais dá a oportunidade de o sujeito aprender a cuidar de si mesmo, das pessoas ao seu redor, da sua cidade e do seu país.

Agradecemos ao dr. Ivan Capelatto por contribuir com esta causa, ajudando-nos a mostrar a importância de incentivar o jovem voluntário. Os professores e os pais devem trabalhar juntos no sentido de ajudar o jovem a entender a importância de sua ação social, para que o Brasil dê a guinada de que precisa.

ÍNDICE:

Introdução	7
O que é a afetividade	8
Os limites e sua ética	9
A família e a afetividade	10
A sociedade em colaboração com a família	12
Cuidar é solidariedade e cidadania	13
Escola – a parceira necessária	14
Família e escola são complementares	16
A Escola Solidária e o Jovem Voluntário	17
Reflexões finais	18
Fundação Educar	19
Faça Parte -- Instituto Brasil Voluntário	20

INTRODUÇÃO



No mundo atual, os valores e regras que sustentam o equilíbrio do indivíduo na sociedade são constantemente negados e violados, o que dificulta terrivelmente a tarefa dos organismos que trabalham para melhorar a qualidade de vida do planeta, como a Organização Mundial de Saúde. A saúde, principalmente a mental, é um dos elementos fundamentais para que tal objetivo seja alcançado.

Dentre os critérios de saúde mental estão o respeito e o cuidado por si mesmo e pelos outros, assim como pelo planeta, seus animais e vegetação. *Cuidar* é um ato consciente que pode ser ensinado, e consiste, por sua vez, num dos maiores geradores de prazer que o mundo humano conhece.

Cuidar adequadamente dos outros como de si mesmo pode ser o início de uma grande transformação, tanto do ponto de vista individual como do ponto de vista social. E é nisso que consiste o objetivo deste trabalho – tratar das questões referentes ao ato de cuidar, tais como: a importância da afetividade, condição fundamental, e o papel da família, da sociedade e da escola na formação de um indivíduo afetivo.

O QUE É A AFETIVIDADE

A afetividade é a dinâmica mais profunda e complexa de que o ser humano pode participar. Inicia-se a partir do momento em que um sujeito se liga a outro pelo amor – sentimento único que traz no seu núcleo um outro, também complexo e profundo: o medo da perda.

Quanto maior o amor, maior o medo da separação, da perda e da morte, o que acaba desencadeando outros sentimentos, tais como o ciúme, a raiva, o ódio, a inveja, a saudade...

A afetividade é a mistura de todos esses sentimentos, e aprender a cuidar adequadamente de todas essas emoções é que vai proporcionar ao sujeito uma vida emocional plena e equilibrada.

Muitas vezes somos movidos pelo impulso em direção ao prazer. Por isso, ao viver um sentimento doloroso, como a raiva ou o medo, é natural reagirmos impulsivamente destruindo o objeto ou a situação que provocou tal dor. Entretanto, ao fazê-lo não temos consciência de estar também destruindo a fonte do prazer, do amor.

É neste momento que o sujeito necessita de um *cuidador* – um outro sujeito (já cuidado) que vai estabelecer os limites necessários, impedindo-o de destruir a sua fonte de amor.

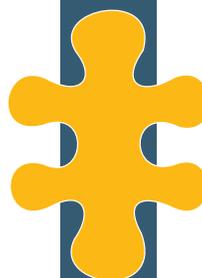
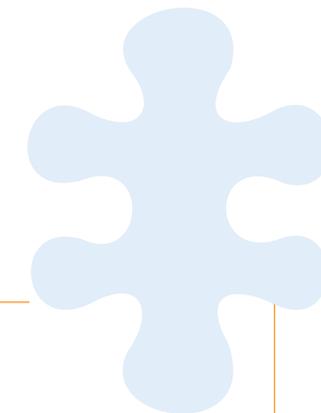
Esse sujeito cuidador, em nome do afeto que sente pelo jovem, vai ajudá-lo a não destruir a própria fonte de amor, impedindo-o de agir em nome da raiva ou do medo. Deve-se permitir a manifestação do sentimento, porém impedir atos que aliviem apenas momentaneamente a dor do sentimento de desprazer. Pode-se sentir medo e/ou raiva; pode-se expressá-los através de choro ou palavras; só não se pode destruir a fonte de tais sentimentos, pois ela é também a fonte de seu prazer maior: o *amor*.

OS LIMITES E SUA ÉTICA

O cuidador deve impor os limites necessários com autoridade, mas sem ser autoritário. Ao dizer a uma criança: “não quero que você me bata” e segurar sua mão, impedindo-a de realizar o ato, estou estabelecendo um limite. Dizer à criança que ela está errada em querer me bater, que ela está tendo um desejo ruim, etc., implica desvalorizá-la e impor-lhe uma outra identidade diversa da que ela manifesta no momento. Os prejuízos dessas posturas inadequadas são conhecidos por todos nós. *Estabelecer um limite* é oferecer à criança os extremos, a fronteira até onde ela pode ir ou não naquele momento.

Um jovem sadio, normal vai reagir ao limite com crises. E é nesse momento de restrição que o indivíduo terá a oportunidade de aprender que pode suportar frustrações.

A arte de cuidar implica aproveitar corretamente os momentos de fragilidade e de frustração por que passa o indivíduo a ser cuidado para dar-lhe uma referência. Para tanto, não é necessário estabelecer um determinado espaço de tempo, mas aproveitar adequadamente o tempo que se ocupa nesse cuidado, no momento adequado – o que implica, na maioria das vezes, agir sem sentir prazer, frustrar desejos imediatos em nome de outro desejo – ver o sujeito de quem estou cuidando crescer sadio e equilibrado.



A FAMÍLIA E A AFETIVIDADE

Família é um conjunto de pessoas que se unem pelo desejo de estarem juntas, de construir algo e de se complementarem. É através dessas relações que as pessoas podem se tornar mais humanas, aprendendo a viver o jogo da afetividade de maneira adequada. Mas para que essa adequação ocorra é preciso que haja referências positivas, cuidadores encarregados de estabelecer os limites necessários ao desenvolvimento de uma personalidade emocionalmente equilibrada.

Para os jovens, as referências são pessoas, palavras, gestos que vão proporcionar a formação da identidade. Jovens que estabelecem vínculos harmoniosos nos seus momentos de frustração, por meio dos quais recebem amor e compreensão, desenvolverão uma identidade sadia, conseguindo suportar frustrações até o momento adequado para realizar seus desejos.

O que verificamos atualmente é que um grande número de pais acreditam no falso mito da liberdade total. Libertam os filhos antes mesmo de eles terem criado asas para vôos mais altos, e o resultado disso é um comportamento desastroso na maioria das vezes. O jovem que se deixa levar pelo impulso em direção ao prazer imediato (natural do ser imaturo) vai dirigir seu vôo para alturas inadequadas ao tamanho de suas asas, e, com certeza, se desorganizar e se ferir. E a permissividade dos pais será sentida como desinteresse, abandono, desamor, negligência.

A família tem a função de socializar e estruturar os filhos como seres humanos. Vários estudos e pesquisas têm demonstrado que jovens-problemas são fruto de famílias que, independentemente do nível socioeconômico, não lhes ofereceram afetividade suficiente. A violência na infância e na adolescência, por exemplo, existe tanto nas camadas menos favorecidas como nas classes média e alta. O que faz a diferença é a capacidade de a família estabelecer vínculos afetivos, unindo-se no amor e nas frustrações.



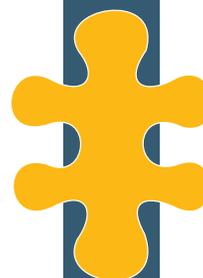
A família é o âmbito em que a criança vive suas maiores sensações de alegria, felicidade, prazer e amor, o campo de ação no qual experimenta tristezas, desencontros, brigas, ciúmes, medos e ódios. É na família que se aprende a linguagem mais complicada da vida: a linguagem da afetividade – amor acompanhado de medo, raiva, ciúme... Sim, brigamos mais com quem mais amamos; temos medo de perder as pessoas que mais amamos. Logo, é na família que se deve encontrar o maior dos amores e também o maior dos ódios.

Por isso, a família é o campo de ação de brigas e gritos, mas também do amor. Uma família sadia sempre tem momentos de grata e prazerosa emoção alternados com momentos de tristeza, discussões e desentendimentos, que serão reparados através do entendimento, do perdão tão necessário e da aprendizagem de como devemos nos preparar adequadamente para ser cidadãos sociáveis.

Quando falta a um jovem essa estrutura familiar (ausência de pai e mãe), outras pessoas (parentes ou mesmo a sociedade) poderão assumir o papel de cuidadores, respeitando as necessidades desse ser em formação: alguém que lhe proporcione a oportunidade de viver muito amor, acompanhado de medos, raivas e ciúmes.

Convém ressaltar que a tarefa de cuidar adequadamente de um ser em formação é extremamente difícil, pois exige dos educadores capacidade de lidar com os conflitos gerados pelos impulsos dos jovens em direção ao prazer imediato e às necessidades biopsíquico-sociais de cada momento.

Os adolescentes precisam de educadores (pais, professores) que lhes proporcionem a vivência da afetividade. É através de experiências vividas com os cuidadores que eles vão estruturar as relações que estabelecerão com a sociedade de modo geral.



A SOCIEDADE EM COLABORAÇÃO COM A FAMÍLIA

É através dos mitos, ritos e regras sociais que adquirimos o sentido da vida. São as referências oferecidas por essa cultura que proporcionarão, junto com a família, a noção de pertinência tão necessária à saúde mental. Saber que pertence a alguém e a um lugar proporciona ao indivíduo o referencial de valor.

Quando uma sociedade começa a quebrar as regras necessárias à convivência grupal, valorizando mais o prazer imediato do que a estrutura sadia do grupo, desorganiza o sujeito que está em formação.

É fundamental que todos os integrantes da sociedade interessados numa convivência sadia proporcionem, através da vivência de uma afetividade (oferecendo amor, porém impondo limites para os impulsos que contrariam as necessidades do grupo), a oportunidade de o sujeito aprender a cuidar de si e do meio em que vive.

A sociedade, representada por diferentes grupos, é a responsável direta pela referência que o jovem terá do valor do meio em que vive. Se os responsáveis pelo âmbito em que o sujeito vive lhe demonstram desvalor, a referência introjetada pelo jovem será de desvalor.

Portanto, todos os que pertencem à sociedade devem se sentir cuidadores diretos de todos os sujeitos que ainda não formaram em si a noção de pertinência ao lugar. Qualquer membro desse núcleo, ao assumir o papel de cuidador, estará proporcionando ao objeto de cuidado a idéia de que alguém deseja que ele participe do grupo. Perceber-se desejado é um grande estímulo para também desejar pertencer.

CUIDAR É SOLIDARIEDADE E CIDADANIA

Numa sociedade, sujeitos saudáveis poderão sentir que cuidando de si mesmos e de suas coisas (do seu *eu*) e cuidando dos outros e do que pertence aos outros (do *deles*), irão iniciar um processo afetivo caracterizado pelo surgimento do *nós*, entidade que engloba todos os sujeitos de uma mesma sociedade numa comunidade. O desejo de cuidar de *si*, do *outro* e do *nós* desperta em sujeitos saudáveis a noção de solidariedade e de cidadania, que é o ato de cuidar da cidade onde a sociedade se assenta. Nisso consiste a ética das relações entre as pessoas: quanto melhor o outro estiver – alimentado, trabalhando, estudando ou sendo ensinado, etc. –, melhor todos estarão. Valorizar a própria vida, o cuidado pessoal, é poder ter a noção do valor da vida do próximo.

Não se ensina o *cuidado*, mas cria-se o *desejo de cuidar*. É o ato maior de *cidadania*, pois despertar em alguém o desejo de cuidar é inaugurar no espírito desse sujeito a importância e o prazer do ato voluntário, do ato que simboliza a *vontade de cuidar*.

Existe, portanto, num sujeito que tem prazer em ser cuidador, a presença do *respeito ao outro*, do sentimento de importância que o outro tem num contexto social, numa comunidade.

ESCOLA - A PARCEIRA NECESSÁRIA

É tarefa e desafio da escola assumir efetivamente, em parceria com os pais (família em geral), a função de proporcionar aos alunos oportunidades de evoluir como seres humanos. Para isto, seu trabalho pedagógico e educacional é cuidar da sua formação, fazendo-os cumprir regras, impondo-lhes limites, e acima de tudo acreditando que os jovens têm capacidade de suportar frustrações. A escola realiza tais funções? Sabemos como é difícil e complicada essa tarefa. Os momentos de afetividade vividos na escola são fundamentais para a formação de personalidades sadias e capazes de aprender.

Algumas escolas preocupam-se apenas com a quantidade de informações que transmitem por meio de competição e do uso de modernas tecnologias, de forma meramente burocrática e mercadológica. Afastam-se assim do “ser humano”, tratando os alunos apenas como números de registro. Com isso, apesar de dispor de um grande espaço onde os jovens passam metade do seu dia durante duzentos dias por ano, acabam por perder a oportunidade de ajudá-los a desenvolver a afetividade.

Cai-se freqüentemente num jogo de empurra-empurra: quando uma criança desobedece a uma regra da escola, em vez de os educadores aproveitarem imediatamente a oportunidade de viver o jogo da afetividade, chamam os pais e depositam neles a tarefa de impor os limites necessários. O perigo dessa postura consiste na perda da

A escola constitui instituição decisiva para a conquista de habilidades sociais, emocionais e profissionais.



oportunidade de se estabelecer um vínculo afetivo com a criança, para quem a escola passa a ser um lugar de desprazer. Nesses momentos é que faz parte da sabedoria da escola instaurar diálogos que permitam a formação de valores: por quê? o que será mais adequado? a quem se atinge? É nas situações tensas que se propõem limites, se trabalham as frustrações e se abrem as portas da compreensão. Caso contrário, as informações recebidas acabam sendo desvalorizadas e esquecidas porque faltou afetividade para estruturar os sentimentos vivenciados nesse processo de aprendizagem.

Nesse possível jogo de empurra-empurra, a família também tende a transferir tudo para a escola: educação sexual, definição política, formação religiosa, caratê ou dança... Com isso esta vai abandonando seu foco, e a família perde a função. Além disso, a escola não deve ser só um lugar de aprendizagem, mas também um campo de ação no qual haverá continuidade da vida afetiva. A escola que funciona como quintal da casa poderá desempenhar o papel de parceira na formação de um indivíduo inteiro e sadio.

É na escola que deve se dar a conscientização a respeito dos problemas do planeta: destruição do meio ambiente, desvalorização de grupos menos favorecidos economicamente, etc. Deve-se falar sobre amizade, sobre a importância do grupo social, sobre questões afetivas.

Só uma escola solidária e de qualidade pode nos fazer, como País, dar o salto qualitativo que tanto aspiramos.

FAMÍLIA E ESCOLA SÃO COMPLEMENTARES

Hoje, percebe-se que a escola não pode viver sem a família e a família não pode viver sem a escola - são instituições interdependentes e complementares. Algumas delas têm incluído os pais no programa de ensino, convidando-os a participar de eventos e discutindo com eles as questões dos jovens. Temos que ter sempre em mente que o que o jovem faz em casa, faz na escola; ele transfere para a escola coisas da casa, e isso constitui o maior fundamento para justificar a união constante e perpétua dessas únicas duas instituições de educação.

A escola deve se conscientizar de que é uma instituição afetiva que complementa a família. Sem essa consciência, criaremos um bando de sujeitos que aprenderam, mas não sabem usar o que aprenderam porque estão afetivamente empobrecidos.

O jovem só vai gostar da escola quando houver afetividade, quando sentir que cuidam dele.

A escola, quando trabalha em parceria com a família, consegue atingir os objetivos a que se propõe.

A ESCOLA SOLIDÁRIA E O JOVEM VOLUNTÁRIO

A escola é hoje a mais importante instituição para a inclusão dos jovens em programas de participação social capazes de lhes ensinar as questões relativas a *cuidar*. Convidando-os a participar de eventos e discutindo com eles as questões que mais afligem a sociedade, ela será mais solidária e contribuirá efetivamente com a formação deles.

A escola que oferece programas de vivência voluntária desde cedo consegue formar um jovem consciente e que aprende a cuidar de si e dos outros. O jovem une-se a ela, e, fundamentalmente, colabora com a comunidade, construindo valores básicos para toda a sua educação.

Ela deve ser uma instituição motivadora e conscientizadora de valores cidadãos por meio da prática do voluntariado, não como fim, mas como instrumento de construção do saber *cuidar*.

As ações voluntárias serão guardadas na memória, constituindo um acervo de experiências emocionais relevantes, ao qual nossas crianças poderão recorrer num momento futuro, para o resgate da sua auto-estima, dentro das demandas que a vida lhes apresentar.

REFLEXÕES FINAIS

A afetividade consiste em poder fazer com que o jovem receba de nós o contato físico, verbal, a relação de cuidados, mas isso também implicará conflitos, envolvendo amor e raiva. Nós temos raiva de quem amamos, temos ciúmes de quem amamos. Amor sempre envolve conflito.

Tanto no âmbito familiar quanto no escolar, deve haver uma relação de afeto, pois é isso que ajudará a construir um ser humano psicologicamente saudável. O ato de *cuidar* é maravilhoso - é o sentimento que vai tornar o outro importante. O pai e o professor, educadores que são, devem entender que têm uma missão: *construir um ser humano*. Isso somente acontecerá pela obra do *amor*, amor esse que cobra, que é duro, que traz sofrimento e preocupação, mas, por outro lado, traz muito prazer e a realização do ato humano mais criador - fazer nascer um *ser* de verdade.



**"Só se constrói uma nação com cidadãos.
Só se constroem cidadãos com educação."**

Criada com a missão de estimular pessoas e instituições a refletirem sobre o valor e o papel da educação como base para a cidadania plena, a Fundação EDUCAR desenvolve programas que destacam os exemplos de sucesso em projetos de incentivo à leitura, ética, cidadania, reconstrução social, medidas socioeducativas, voluntariado e protagonismo juvenil.

A EDUCAR acredita que somente será possível um novo Brasil se todos os cidadãos forem membros economicamente ativos e conscientes de seus direitos e deveres. Isso só será possível através da educação.

Desde seu início, em 1949, a DPaschoal acredita em valores éticos e cidadãos. Em 1989, institucionalizou suas ações de responsabilidade social com a Fundação EDUCAR, para reforçar a importância estratégica do empresariado, como importante ator na construção de uma sociedade mais autônoma, democrática e justa.

FAÇA PARTE - INSTITUTO BRASIL VOLUNTÁRIO

O Ano Internacional do Voluntário, 2001, foi uma iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU) com o objetivo de promover a cultura do voluntariado, desencadeando ações e reflexões sobre o tema em todo o mundo.

Para tanto, foi criado, no Brasil, o Comitê do Ano Internacional do Voluntário que incentivou projetos de voluntariado em todas as esferas sociais. Com uma atuação forte e continuada, o Comitê cresceu, ganhou espaço, foi destacado pela mídia e contribuiu para que cerca de 30 milhões de pessoas fossem mobilizadas em prol de ações voluntárias.

Para dar continuidade a todo esse trabalho, foi criado o Faça Parte - Instituto Brasil Voluntário. Em 2002, o principal foco de suas ações é o programa "Jovem Voluntário, Escola Solidária", que busca estimular o jovem a realizar trabalhos sociais dentro e fora de suas escolas.

O Faça Parte tem um sonho: tornar o Brasil mais justo socialmente, de modo que cada brasileiro sinta-se parte ativa da construção do país. Sua missão é fortalecer a cultura do voluntariado no Brasil, promovendo, desta forma, a inclusão social.